

CONIC-SEMESP

13º Congresso Nacional de Iniciação Científica

Anais do Conic-Semesp. Volume 1, 2013 - Faculdade Anhanguera de Campinas - Unidade 3. ISSN 2357-8904

TÍTULO: ALUNOS SUPERDOTADOS: POTENCIAL NACIONAL A SER APROVEITADO

CATEGORIA: CONCLUÍDO

ÁREA: CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

SUBÁREA: PEDAGOGIA

INSTITUIÇÃO: FACULDADE DE SÃO BERNARDO DO CAMPO - FASB

AUTOR(ES): PATRICIA SOUZA LEITE, JOSEFA ROBERTO DA SILVA, LUANA PAULA DE SOUZA, MARIA DASDORES DE SOUZA BEZERRA, ROSIANE APARECIDA DE CAMARGO, SIRLEI DA SILVA MORASSI

ORIENTADOR(ES): ASENATH LENY GOMES BUENO

Realização:



Apoio:



1. RESUMO

Na Educação Inclusiva defrontamo-nos com a heterogeneidade na sala de aula, de modo que a prática docente deve atender às necessidades peculiares de cada aluno, bem como daqueles que se destacam por suas elevadas potencialidades, os alunos com altas habilidades/superdotação. Discorreremos sobre terminologias e forma de identificação, bem como as teorias de Joseph Renzulli, Daniel Goleman, Howard Gardner e a visão interacionista sobre o tema. O trabalho mostra a necessidade de políticas públicas mais sólidas e a implantação de programas de atendimento, ampliando o processo de desenvolvimento e aproveitamento dessas potencialidades no país. Os objetivos deste trabalho são, conhecer o processo de identificação do aluno superdotado e seu desenvolvimento, bem como as alternativas de atendimento e o apoio dados às escolas e professores.

Palavras-chave: altas habilidades/superdotação; identificação; atendimento e apoio.

2. INTRODUÇÃO

Pensando em uma Educação Inclusiva, deparamos com a heterogeneidade na sala de aula. Em vista disso, a prática docente deve atender às necessidades de cada aluno, até mesmo daqueles que se destacam por suas elevadas potencialidades, os alunos com altas habilidades/superdotação.

A problemática abordada neste trabalho é Como é atendida a superdotação no Brasil? A escola e o professor recebem apoio? De quem? O educador é orientado tanto para a identificação dos alunos, quanto para melhor inserção deles em sala de aula? O potencial nacional tem sido aproveitado?

Discorreremos acerca das causas e influências, se genética ou ambiental, quem é o superdotado e a sua história. Abordamos a teoria sobre a Inteligência Emocional, discutida pelo psicólogo Daniel Goleman, na busca de caminhos para se aproveitar melhor as potencialidades da mente humana. Analisamos sobre como atender o superdotado, encorajando potenciais e como se desenvolve a superdotação, bem como a concepção das Inteligências Múltiplas trazidas por Howard Gardner. Refletimos sobre o olhar crítico do professor acerca desse assunto, bem como a legislação e as políticas educacionais. Para a finalização deste trabalho trazemos nossas considerações sustentadas em um

embasamento teórico minuciado do assunto, bem como a análise dos resultados relevantes, contribuindo de modo significativo a este tema.

3. OBJETIVOS

Conhecer as alternativas de atendimento ao aluno de altas habilidades/superdotação no Brasil, constatar o apoio dado às escolas e professores e entender como ocorre o processo de identificação e como se dá o desenvolvimento desse aluno, tanto em sua área de altas habilidades quanto nas demais áreas. Reconhecer o valor do incentivo às potencialidades para o desenvolvimento da capacidade nacional de sustentabilidade científica.

4. METODOLOGIA

A metodologia aplicada neste trabalho tem uma abordagem qualitativa, com análise reflexiva entre teoria e dados de campo. Utilizamos a análise documental de uma entrevista como instrumento de pesquisa, para de forma imediata e coerente obter a informação desejada.

5. DESENVOLVIMENTO

A historicidade da superdotação é movida pela curiosidade, permeada por interesse ou simples desconfiança. Segundo Virgolim (1997), a sociedade é incumbida de determinar a quem valorar ou ignorar, tais valores mudam de acordo com o tempo e a cultura. Hoje, vestígios dessa tradição ainda permanecem nas crenças populares, carregadas de mitos e falsos juízos sobre o que vem a ser a habilidade superior. Na perspectiva científica, definições são oferecidas por pesquisadores da área. Entretanto, percepções estereotipadas sobre o assunto são disseminadas na sociedade. Há diferentes terminologias na área da superdotação, as quais são confundidas pelo senso comum, todavia fazem parte de um mesmo fenômeno: a habilidade superior, a superdotação, a precocidade, o prodígio e a genialidade.

Segundo Virgolim (2007), são diferentes talentos e características, a saber: **criança precoce**, apresenta alguma habilidade específica precocemente

desenvolvida em qualquer área do conhecimento, como na linguagem, por exemplo; a **criança prodígio**, segundo Feldman (apud VIRGOLIM, 2007), utiliza-se o termo "prodígio" para definir a criança precoce que apresenta alto desempenho, comparado a um profissional adulto, em algum campo cognitivo; o **gênio**, termo difundido por Lewis Terman (apud ALENCAR e FLEITH, 2001), define como gênio qualquer criança com um QI superior a 140, mensurado pelo teste Stanford-Binet. Em contraste com os pesquisadores atuais que sugerem o termo "gênio" para definir, exclusivamente, as pessoas que deram contribuições originais e de grande valor à humanidade.

Para Virgolim (2007), os termos "pessoa com altas habilidades" e "superdotado" são mais adequados para denominar o educando que aponta uma habilidade superior em alguma área do conhecimento em comparação a seus pares. A definição brasileira atual é de que os alunos com altas habilidades/superdotação são aqueles que demonstram grande facilidade de aprendizagem e domínio rápido de conceitos, procedimentos e atitudes na área de interesse. Pressupõe-se que as pessoas com altas habilidades/superdotação apresentem notável desempenho e/ou elevada potencialidade em qualquer dos aspectos, isolados ou combinados, a saber: habilidade intelectual geral; talento acadêmico; habilidade de pensamento criativo e produtivo; liderança; artes visuais e cênicas; e habilidades psicomotoras, segundo Tuttle e Becker (apud ALENCAR e FLEITH, 2001).

Ainda segundo Virgolim (2007), as influências da genética e do ambiente são analisadas, no cenário mundial, por grandes pesquisadores da área de superdotação. John Feldhusen (apud VIRGOLIM, 2007), defende a visão interacionista da superdotação, ou seja, a interação entre a genética e o ambiente. Os estudos trazidos à luz pela concepção interacionista corroboram a teoria da interação. Os grandes teóricos do interacionismo, Jean Piaget (1896-1980) e Lev S. Vygostki (1896-1934), em suas correntes de pensamento discutem a visão de que a criança é um ser ativo, atento e construtor do seu conhecimento. Nas considerações de Piaget (apud DAVIS e OLIVEIRA, 1994), desenvolvimento cognitivo e aprendizagem não se confundem: o primeiro é um processo espontâneo, apoiado no biológico. A aprendizagem é mais restrita, específica e subordinada tanto à equilíbrio quanto à maturação. Para Vygotski (apud DAVIS e OLIVEIRA, 1994), os fatores biológicos prevalecem sobre os sociais apenas no início da vida das crianças, bem como as condições e as interações humanas afetam o pensamento e

o raciocínio. A construção do pensamento complexo e do abstrato se dá na acentuada relação da vida social e da constante comunicação estabelecida entre crianças e adultos, permitindo a assimilação da experiência de muitas gerações.

De acordo com Virgolim (2007), o pesquisador Joseph Renzulli defende a ideia de mudança na ênfase da concepção atual sobre ser superdotado, visando o desenvolvimento de comportamentos superdotados naqueles indivíduos com potencial superior para se beneficiar de programas especiais educacionais. A atual percepção mais dinâmica e flexível considera a relevância da interação entre indivíduo e ambiente no desenvolvimento de comportamentos superdotados. Renzulli pressupõe que as pessoas reconhecidas, na história, por suas contribuições únicas, originais e criativas apresentaram um conjunto bem definido de traços, como: habilidade acima da média em alguma área do conhecimento, habilidades geral (abstrair informação e integrar experiências) e específica (habilidade em atuar em uma ou mais áreas de conhecimento); envolvimento com a tarefa tendo a motivação como agente; e criatividade para criar novas ideias, retirá-las de um contexto e aplicá-las em outro. E acrescenta que os comportamentos de superdotação se dão na confluência destes traços em uma interação dinâmica. Enfatiza que nem sempre a criança demonstra este conjunto de traços desenvolvidos igualmente, contudo, se lhe forem dadas oportunidades, poderá desenvolver todo o seu potencial.

Alencar e Fleith (2001), asseguram que pouca atenção tem sido dada ao desenvolvimento sócio-emocional de alunos superdotados no contexto educacional. Silverman (apud ALENCAR e FLEITH, 2001), p que um desenvolvimento emocional saudável é igualmente importante quanto uma realização acadêmica, contudo, em dias atuais, não é valorizado satisfatoriamente de forma a criar um tipo de ambiente para o desenvolvimento emocional. Henry Wallon (apud DANTAS, 1992) aponta que a emoção tem a tendência de reduzir a eficácia do funcionamento cognitivo, tornando-se nesse caso regressiva. Mas, quando corticalizada retoma o controle da situação propiciando a qualidade final do comportamento. Daniel Goleman (1995) corrobora essa proposição, em seu ver, a Inteligência Emocional são palavras-chave para aproveitar melhor as potencialidades da mente humana. Ele questiona a visão estereotipada de que pessoas com alto QI são bem mais sucedidas, fruto de uma cultura que valoriza o intelecto e ignora o emocional do indivíduo. E acrescenta que a capacidade de

controlar suas próprias emoções, o indivíduo poderá desenvolver sua inteligência. O desempenho na vida de uma pessoa é determinado pelas inteligências racional e emocional, não é apenas o QI, mas a inteligência emocional pode maximizar a capacidade cognitiva em uma interação favorável com os pares. O novo paradigma encoraja a encontrar o equilíbrio inteligente das duas, harmonizar pensamento e emoção.

Alencar e Fleith (2001), concluem que, nesse sentido, um olhar sensível dos educadores e psicólogos é imprescindível para atender às necessidades acadêmicas e intelectuais, bem como às necessidades sociais e emocionais desses alunos.

Ainda de acordo com as autoras, observam que devido as atuais definições sobre superdotação, os programas são montados para atender aqueles alunos que apresentam desempenho significativo em uma ou mais áreas, logo superdotação se tornaria sinônimo de alto desempenho nestas áreas.

Segundo o projeto Educação Infantil, saberes e práticas da inclusão (BRASIL, 2006), uma educação democrática deve considerar as diferenças individuais, portanto, propiciar oportunidades de aprendizagem de acordo com os interesses, habilidades, potencialidades e estilos de aprendizagem dos alunos, inclusive, os com altas habilidades/superdotação para um melhor desenvolvimento de suas habilidades.

Gardner (1995), pondera que é preciso desconstruir o conceito de inteligência, arraigado na sociedade, como uma peculiaridade única da mente humana; ou o instrumento conhecido como o teste de inteligência para medir categoricamente a inteligência, bem como ampliar a percepção sobre todos os papéis ou atividades humanas concedidos pelas culturas ao longo do tempo. Para abranger o campo da cognição humana é imprescindível um olhar mais amplo e universal acerca das competências, bem como a possibilidade de que muitas destas competências são imensuráveis a partir de métodos verbais padronizados. Os resultados pressupostos pela Teoria das Inteligências Múltiplas sugerem a necessidade de se buscar novos conceitos acerca das várias inteligências para eficácia das práticas educacionais, os quais revelam que o número de indivíduos identificados como superdotados poderia elevar-se consideravelmente. Gardner pressupõe oito tipos diferentes de inteligência: a linguística, a lógico-matemática, a

espacial, a corporal-cinestésica, a musical, a naturalista, a interpessoal e a intrapessoal.

Segundo Sabatella e Cupertino (2007), como prevê a legislação, os alunos com altas habilidades/superdotação devem ser atendidos de modo a respeitar e valorizar suas necessidades educacionais diferenciadas no que tange à talentos, aptidões e interesses. Caso não haja estímulo e atendimento apropriados, esses alunos dificilmente atingirão níveis excelentes. O acesso ao atendimento diferenciado visa suprir e complementar as suas necessidades, possibilitando seu amplo desenvolvimento pessoal, bem como oportunizar desafios compatíveis com suas habilidades. Do contrário, se esse atendimento não é oferecido, uma das tentativas é adequar o aluno à rotina do ensino convencional, o que pode causar desperdício de talento, potencial ou desmotivação em razão de um atendimento indevido. Como opção metodológica, visar desafios que despertem interesse dos alunos, que segundo os Temas Transversais, debatido pelo Ministério da Educação e Desporto, favorecem os interesses reais da sociedade, auxiliando reflexões dos indivíduos para a busca de novos caminhos para transformação da sociedade.

Sabatella e Cupertino (2007), ressaltam que não há a idealização de modelos estabelecidos, a fim de não inibir a criação dos próprios programas brasileiros. As modalidades de agrupamento, aceleração e enriquecimento são abrangentes e indicam que o atendimento às altas habilidades/superdotação ocorram no ambiente escolar, todavia, não é uma regra geral em todos os lugares pela razão de grande parte dos programas e atividades de enriquecimento serem realizados extraclasse.

De acordo com as autoras, o Ministério da Educação do Brasil, em 2002, orienta que os alunos com altas habilidades/superdotação devem ser atendidos em classe regular comum, em salas de recursos e por meio do ensino com professor itinerante.

Segundo Landau (2002), professores sensíveis, em muitos casos, dão às crianças a segurança que talvez não encontram em casa. Pontua que toda atmosfera criativa que encoraja a criação de potenciais, do mesmo modo incentiva o talento. Portanto, se os educadores não se fizerem presentes para encorajar o aluno com potencial superior, este poderá desistir e, como alternativa, conformar-se-á, amoldando-se a média.

Para Virgolim (2007), é tarefa dos educadores conhecer os pontos fortes e os interesses do aluno, suas necessidades cognitivas, sociais e afetivas, para propiciar situações favoráveis a construção do seu próprio conhecimento respeitando o seu ritmo e, assim, possivelmente, transformar suas potencialidades e promessas, visíveis em seus primeiros anos, em convicções e realizações. Benjamim Bloom (apud VIRGOLIM, 2007), evidenciou que o encorajamento e a afetividade são imprescindíveis nos anos iniciais da criança pré-escolar por meio dos primeiros instrutores ou professores. Virgolim (2007), salienta que mudanças expressivas tem alterado o perfil de atendimento ao aluno com potencial superior, todavia, a área da superdotação na realidade educacional brasileira enfrenta os seguintes problemas, nas faltas de: treinamento especializado dos profissionais; materiais adequados à necessidade do grupo; currículos e programas adequados aos diferentes níveis em escolas públicas e particulares; curso de graduação e pós-graduação nas universidades brasileiras específicos para a área; técnicas mais modernas de identificação; maior número de pesquisas realizadas com esta população para a realidade brasileira; e, de mais literatura especializada em nosso idioma.

Delou (2007), reconhece o empenho em cumprir a Lei Federal nº 5692/1971, a qual avaliou que alunos portadores de deficiências físicas ou mentais, bem como os superdotados deveriam receber tratamento especial, conforme as leis fixadas pelos Conselhos de Educação. E a garantia de direitos reafirmados na Lei nº 9394/1996 das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Os alunos com altas habilidades/superdotação são reconhecidos por seu desempenho escolar acima da média, contudo não são inclusos nas práticas pedagógicas escolares de alto nível. A LDBEN 9394/96 ampliou a garantia de atendimento educacional especializado aos portadores de deficiências, como dever do Estado, definida na Constituição Federal de 1988, para os alunos com necessidades educacionais especiais. Essa lei também baseia-se na Lei 8069/1990 que predispõe o Estatuto da Criança e do Adolescente, em defesa dos seus direitos fundamentais. E, ainda, estabelece garantias aos alunos com altas habilidades/superdotação ao considerá-los alunos com necessidades educacionais especiais.

6. RESULTADOS

Por que o Brasil não aproveita seu capital intelectual?

Segundo Costa e Martino (2013), cerca de 5% das crianças e jovens brasileiros são identificados como superdotados e questionam por que o país tem tanta dificuldade para identificar e desenvolver as potencialidades desses alunos. Nos últimos 15 anos, o país esforça-se para universalizar a educação, todavia, gerou ônus desnecessário ao negligenciar as necessidades especiais de alunos com potencial acima da média. Dados do Ministério da Educação revelam que o número de superdotados na escola não passa de 11 mil, conforme o Censo de 2011. Esse número se elevaria para 3,15 milhões de crianças e jovens identificados com altas habilidades/superdotação se utilizado o conceito do pesquisador Joseph Renzulli. Susana Pérez (apud COSTA e MARTINO, 2013), pondera que essas crianças estão nas escolas, todavia não há quem as identifique. Pois, não existe uma linha de pesquisa sobre o tema nas universidades brasileiras, com isso os alunos da graduação, futuros educadores, não se apropriam desse assunto e sem formação adequada como saberão identificar esses alunos?

Para as autoras, análogo às crianças com déficit, as altamente habilidosas estão inclusas no que prevê as leis da educação especial do sistema educativo do país, pois as crianças que apresentam necessidades educativas especiais devem receber maior atenção em relação ao estudos para se desenvolverem de forma saudável, mas na realidade não é o que ocorre nas escolas. Sem investimentos em programas para altas habilidades/superdotação, esse recurso se finda. Haja vista, o número de estudantes do país que optam por estudos no exterior, a saber, só na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, esse número subiu 20% entre 2007 e 2011. Por essa razão é necessário a existência de uma política pública nacional para encontrar esses jovens mais capazes, incentivando o potencial para o contínuo desenvolvimento das capacidades instaladas no país.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando dirigimos nosso olhar para a educação dos superdotados no Brasil, poucas mudanças se tem visto no contexto escolar para alunos com essas características. Garantias de permanência e acesso ao ensino regular lhes são dadas, como previsto na legislação, contudo não asseguram a inclusão educacional.

Mesmo com uma trajetória histórica da área, a política educacional implementada e os programas de atendimento para alunos com altas habilidades/superdotação, o país ainda desperdiça talentos. Não dar importância ao desenvolvimento desses alunos não é prejudicial somente para eles, mas também para o país, visto que perde-se boas oportunidades.

Considerando o *status quo* a respeito da educação brasileira voltada aos alunos com altas habilidades/superdotação, revela-se um número ainda abaixo da realidade. Ter em consideração conceitos e pesquisas atuais, discutidos nesse trabalho, como os pressupostos do renomado pesquisador Dr. Joseph Renzulli, por certo, esse número se elevaria.

A análise documental da entrevista de Costa e Martino e a pesquisa teórica permitiu uma reflexão dialética que nos conduz à conclusão que, são inúmeras as discussões que abordam essa lacuna na educação brasileira. Para que essas crianças e jovens sejam incluídos é preciso muito mais. É necessário políticas educacionais e ações governamentais mais sólidas, bem como maior envolvimento da escola e sociedade nessa questão para a garantia efetiva do desenvolvimento dessas habilidades favoráveis não somente aos indivíduos identificados com potencial superior, mas também considerar que estes serão promotores do crescimento educacional, cultural e tecnológico da nação brasileira.

8. FONTES CONSULTADAS

ALENCAR, Eunice M.L.Soriano de; FLEITH, Denise de Souza. **Superdotados: determinantes, educação e ajustamento**. 2.ed. São Paulo: EPU, 2001.

BRASIL. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: altas habilidades/superdotação**. 4.ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

COSTA, Rachel; MARTINO Natália. **Talentos desperdiçados**. Isto é. São Paulo, n.2252, p.42-47, 2013.

DANTAS, Heloysa. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa.

Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. 22.ed. São Paulo: Summus, 1992, p.85-98.

DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma M.R.de. **Psicologia na Educação.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994.

DELOU, Cristina Maria C. Educação do aluno com altas habilidades/superdotação: legislação e políticas educacionais para a inclusão. In: FLEITH, Denise de Souza. **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007, p.25-39.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas:** a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional:** a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. 24.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

LANDAU, Erika. **A coragem de ser superdotado.** São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

MORENO, Montserrat. Temas Transversais: um ensino voltado para o futuro. In: BUSQUETS, M.D. **Temas Transversais em Educação** bases para uma formação integral. 2.ed. São Paulo: Ática, 1998, cap.1, p.19-59.

SABATELLA, Maria Lúcia; CUPERTINO, Christina M.B. Prática educacionais de atendimento ao aluno com altas habilidades/superdotação. In: FLEITH, Denise de Souza. **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

VIRGOLIM, Angela M.R. O indivíduo superdotado: história, concepção e identificação. **Psicologia. Teoria e Pesquisa.** Brasília, v.13, n.1, p.173-183, 1997. Disponível em: <http://virgolim.wikispaces.com/Textos>. Acesso em: 16 março 2013.

VIRGOLIM, Angela M.R. **Altas habilidades/superdotação:** encorajando potenciais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.